

Mais além, surgem trilhas de ouro e rosa,
Sobre a Terra que foge, diminuta...
A paisagem por fim se desenluta
Em aurora esplendente e majestosa!

Estou livre, no entanto escuto gritos
Que me lanham quais látegos aflitos...
Triste de mim!... Debalde, me comovo!...

40 O passado apresenta longo arquivo,
E eu, que ria e cantava redivivo,
Volto ao berço das lágrimas de novo!...

3
LAMENTO PATERNO

Ah! meu filho, na concha de teu peito,
Via-te o coração por céu vindouro,
Encerravas contigo, meu tesouro,
O futuro risonho, alto e perfeito.

Entretanto, prendi-te a cruzes de ouro,
Cujo peso carregas sem proveito,
Abatido, cansado, insatisfeito,
Arrojado a terrível sorvedouro...

Recolheste, no encanto de meu jugo,
O fascínio da posse por verdugo
E a preguiça forjando horrendas pragas.

Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas
O dinheiro vazio que armazenás
Na demência da usura em que te apagas!...

40. Quer o poeta dizer que o corpo espiritual ostenta os clichês de todos os seus atos praticados, inclusive os de existências anteriores a que, debalde, tenta o indivíduo fugir.



1
D E U S

Passa no oceano azul a resplendente frota,
Brilham flâmeos pendões, de fragata em fragata...
Relampeia o esplendor... E' a luz que se desata
Do coração da vida em clâmide remota.

Vejo a ronda dos sóis por divina cascata,
Da Terra a que me prendo, — humilhada galeota.
Cada estrela é canção, que a beleza pilota,
Nos tênuas brocatéis de púrpura e de prata.

(*) Poeta, orador, romancista, contista, historiador, jornalista. Fêz o curso primário no Liceu de S. Cristóvão, do Rio, e em 1885 fixou residência na capital do Paraná, onde exerceu vários cargos públicos. Professor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, DV angariou grande prestígio como verdadeiro «mestre da mocidade». Altamente espiritualista, foi um apaixonado prosélito das doutrinas ocultistas e herméticas. Helenófilo, chegou a criar em Curitiba um Instituto Neopita-

9 Ah! estranho Universo!... Ah! glória que me esmagas!...
10 Constelações, dizei!... Quem vos fêz como vagas
De pétalas, bailando aos sublimes falernos?

Uma sílaba só freme, de mundo em mundo:
Deus!... — o doce mistério altívolo e profundo!...
14 Deus!... — o infinito Amor dos caminhos eternos!...

24 Hoje, razão que brilha e amor que desabrocha,
Prometeu a chorar no coração da rocha,
Circulado de sóis e entre as sombras imerso!

Homem! Anjo nascente e animal inextinto,
Serás, após vencer as injúrias do instinto,
28 A obra prima de Deus no esplendor do Universo!

Argonauta da luz que nasceste nas trevas,
Por térmita perdido em malocas bizarras,
Dormiste com leões de sinistras bocarras
E, símio, atravessaste as solidões grandevas.

Preso aos totens e atado à inspiração dos devas,
Vivias de arco e flecha ao clangor de fanfarras.
Ai! a herança da guerra a que ainda te agarras,
Os impulsos do abismo e as cóleras longevas!

górico, para cuja sede construiu o famoso «Templo das Musas». Fundou várias revistas simbolistas, dentre as quais se destacou **O Cenáculo**. Sua produção é vasta em todos os gêneros. Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná e criou a cadeira nº 9 da Academia Paranaense de Letras. (S. Cristóvão, Rio de Janeiro, Gb, 26 de Novembro de 1869 — Curitiba, Paraná, 28 de Setembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: **Efêmeras**; **Hélicon**; **Cinerário**; **Esotéricas**; etc.

9. Atente-se na apóstrofe.

10. Observe-se o "enjambement": "...Quem vos fêz como vagas/ De pétalas,..." — que sugere, de imediato, o bailar das ondas de pétalas aos sublimes falernos.

14. Eis aí um dos mais excelentes exemplos de anáfora.

24. A título de curiosidade, cf. Dario Veloso, *Cinerário*, Curitiba, 1929, págs. 22, 23 e 24, em que o poeta dedicou a *Prometheo* três sonetos, sendo o primeiro, o *Titan*, o segundo, o *Herói*, e o terceiro, o *Deos*.

28. Observem-se a musicalidade dos versos, a riqueza das rimas e a excelência de algumas antíteses.

Certamente interessado em sua identificação, o poeta utilizou-se, no primeiro verso do primeiro quarteto, do vocábulo "Argonauta", que intitula um belíssimo poema que ele, quando encarnado, dedicara a João Itiberê da Cunha (Cf. A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 343). Compare ainda o leitor este mesmo poema com o primeiro soneto mediúnico — "Deus", e encontrará novos pontos de identificação.